

## A GRAFIA DO GLIDE [W] EM FORMAS VERBAIS FLEXIONADAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO PORTUGUÊS EUROPEU: UM OLHAR SOBRE DADOS “INUSITADOS”

MILENA MEDEIROS DE MATTOS<sup>1</sup>; ANA RUTH MORESCO MIRANDA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – medeirosdemattos@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – anaruth@vitorramil.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

A escrita infantil apresenta pistas que ao serem investigadas revelam hipóteses sobre o pensamento da criança no ato de escrever. Neste trabalho, são apresentados dados do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE), referentes à grafia do glide [w] nos finais dos verbos flexionados na terceira pessoa do pretérito perfeito do modo indicativo, no contexto de formas verbais tais como ‘apareceu’ e ‘cantou’, por exemplo. O enfoque do estudo incide sobre os dados inusitados encontrados por MATTOS E MIRANDA (2012), os quais foram assim denominados em razão de não se enquadrarem nas categorias de erros propostas pelas autoras, isto é, erros motivados pela fonética/fonologia ou por processos de supergeneralização.

Dados considerados residuais por abordagens hegemônicas no campo científico têm sido notados por estudiosos desde o século XIX e deram origem a um novo modelo epistemológico, denominado paradigma indiciário. GINZBURG (1989), ao propor e defender esse modelo metodológico para as pesquisas da área das Ciências Humanas, ressalta a importância de se observar pequenas pistas ou indícios deixados através de gestos inconscientes que, se bem analisados, podem revelar hipóteses relevantes sobre a realidade que encobrem. Os dados apresentados neste estudo têm tais características, uma vez que não são facilmente observáveis, nem tampouco óbvios, como aqueles mais frequentes e também mais previsíveis.

O PB e o PE são sistemas que, apesar de semelhantes, apresentam particularidades, as quais podem ser observadas nos níveis fonético, morfológico e sintático (MATEUS, 2006). Um exemplo de diferença sintática é a posição do pronome, preferencialmente anteposto ao verbo em PB e posposto em PE. Um exemplo de similaridade do âmbito morfológico é a estrutura do vocábulo verbal, comum aos dois sistemas: um radical, uma vogal temática e sufixos flexionais; sendo os verbos distribuídos em três classes mórficas ou conjugações: a 1<sup>a</sup> conjugação apresenta a vogal temática -a, a 2<sup>a</sup> -e e a 3<sup>a</sup> -i. A conjugação dos verbos, na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo, apresenta o sufixo flexional -u, que forma um ditongo de final de palavra, constituído por uma vogal silábica e uma vogal assilábica [w] (CAMARA JR., 1970).

MATTOS E MIRANDA (2012), ao mapearem os erros referentes às grafias dos glides nas formas verbais, depararam-se com um pequeno número de dados considerados inusitados, os quais, apesar de não serem relevantes quantitativamente, instigaram a curiosidade para que se investigue as motivações dos escreventes para a produção desse tipo de grafia. Nesse contexto, o presente trabalho tem o objetivo de descrever e analisar dados referentes à grafia do glide [w] dos ditongos morfológicos resultantes da flexão verbal, na terceira pessoa do pretérito perfeito do modo indicativo, com enfoque sobre dados inusitados, conforme recém mencionado.

## 2. METODOLOGIA

Os textos que compõem a amostra analisada neste estudo pertencem ao BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita). Os textos, coletados em 2009 em escolas públicas de Pelotas (Brasil) e do Porto (Portugal), foram produzidos de maneira espontânea por alunos das séries/anos iniciais, a partir da realização de oficinas de produção textual.

Foram considerados apenas aqueles textos com escrita de nível alfabetico, o que resultou em duas amostras: 463 textos do PB e 176 do PE. Desse material, foram extraídas todas as palavras em que se observava o contexto a ser analisado, tanto nas formas grafadas de modo correto como incorreto, totalizando 2977 palavras do PB e 1358 do PE.

Os dados foram computados considerando-se, primeiramente, a relação de grafias corretas e incorretas em cada amostra, depois, a distribuição das grafias incorretas de acordo com tipos de erros previamente determinados, o que gerou uma categoria de erros denominada erros inusitados, na qual se inseriu aqueles dados que não se enquadravam nas categorias inicialmente propostas e que serão enfocados neste estudo.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento de dados evidenciou, além daqueles processos já esperados de supergeneralização, em que a criança substitui o grafema ‘u’ por ‘l’ ou ‘o’, ou de motivação fonética, em que a criança omite o grafema ‘u’, outros, que por constituírem um pequeno número de palavras, foram, em um primeiro momento, deixados de fora da análise realizada em 2012. No entanto, por considerar-se que, via de regra, os erros produzidos pelas crianças em suas escritas iniciais não são aleatórios e podem, em alguma medida, oferecer indícios para que se comprehenda o pensamento da criança no momento da escrita, o foco deste estudo passa a incidir sobre uma amostra constituída por todos aqueles dados que ficaram excluídos das análises anteriores, pois, ainda que tenham pouca relevância quantitativa, foram recorrentes nas duas amostras estudadas e nas diferentes séries. Um estudo realizado sobre a mesma amostra revelou a presença de três variantes gráficas para a grafia do glide [w] nos finais dos verbos: ‘l’, ‘o’ e Ø.

Todos aqueles dados que não puderam ser classificados conforme essas variantes compõem, pois, a amostra de erros denominados “inusitados”. Tais dados somam um total de 28 grafias, sendo que nesse grupo, pode se identificar categorias de erros, conforme exposto na Tabela 1.

Tabela 1 – distribuição dos erros de acordo com o tipo, a série, e o sistema

Série	'u' → n ou m		Metátese		Omissão VT		Omissão SF		Outros	
	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE
1 <sup>a</sup>	elafecom servin				Setisu ito fomu apalesu		ede		tãoformu apaleso	
2 <sup>a</sup>	fecom	enconteron enconteron		due-lhe	Transformu Inpimentu	pedulhe abiru				batei
3 <sup>a</sup>				pasuo perguntuo	Botu aparesu tomu			abrilhe destraise comea abrilhe metele		
4 <sup>a</sup>					du					

Como se pode observar, em se considerando as duas amostras, a concentração de erros está na 3<sup>a</sup> série (10 palavras) e o tipo de erro mais recorrente é a omissão da vogal temática (11 palavras). Observa-se ainda, que a conjugação mais afetada é a primeira, possivelmente por ter maior ocorrência na língua, uma vez que o uso da primeira conjugação é a preferencial.

Observando os resultados referentes ao PB e ao PE separadamente, percebe-se que alguns tipos de erros são comuns a ambas amostras, como a substituição do grafema ‘u’ pelas nasais ‘m’ ou ‘n’, a omissão da vogal temática e a omissão do sufixo flexional em verbos de 2<sup>a</sup> ou 3<sup>a</sup> conjugação; enquanto outros ocorrem apenas no PE, como a metátese.

Dados de substituição de glide por nasais foram observados por MIRANDA (2011), mas, diferentemente dos dados apresentados neste estudo, a troca se localizava em posição medial de palavra. Uma das hipóteses levantadas pela autora é a de que o traçado dos grafemas ‘u’ e ‘n’ são semelhantes, o que poderia motivar a troca por alunos aprendizes, no entanto, a própria autora traz mais um dado, o qual apresenta a substituição do glide [j] pela coda nasal, o que evidencia, segundo ela, que o problema não é de traçado, mas sim relacionado a questões representacionais que envolvem a posição silábica pós-vocálica. Corroborando essa argumentação, observa-se que foram encontrados, neste estudo, dados de substituição do grafema ‘u’ por ‘m’, grafemas em que a semelhança de traçado não é tão direta como o é com o ‘n’, o que pode também sugerir uma influência da fonologia do português, que tem como característica a presença de ditongos nasais.

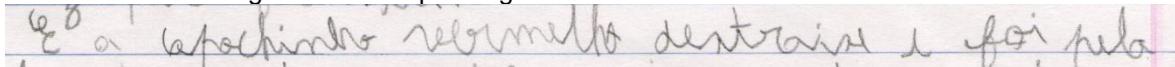
Esse tipo de erro pode, portanto, estar relacionado ao status atribuído ao glide e à nasal pós vocálica, quer dizer, se são considerados parte de uma rima ramificada, cudas, ou de um núcleo ramificado. O que se pode pensar, ainda segundo MIRANDA (2011), é que a criança que produz grafias do tipo ‘fecom’ para ‘ficou’ e ‘enconteron’ para ‘encontrou’ pode estar interpretando a sequência VCN e VCG como semelhantes em termos representacionais.

O apagamento da vogal temática, outro dado revelado neste estudo, é um fato bastante curioso, uma vez que a vogal temática não é um segmento comumente apagado, sobretudo em razão de sua tonicidade, verificável em grande parte dos verbos flexionados (SOUZA-E-SILVA E KOCH, 2011). Dos dados apresentados na Tabela 1, sete são verbos de 1<sup>a</sup> conjugação, dois de 2<sup>a</sup> conjugação e outros dois de 3<sup>a</sup> conjugação, o que elimina a possibilidade de aventar-se a hipótese de que tal omissão ocorre em razão da conjugação à qual o verbo pertence, uma vez que o fato de haver maior número de erros em verbos de 1<sup>a</sup> conjugação decorre, como mencionado anteriormente, de eles comporem o grupo mais numeroso da língua. Cabe esclarecer que no caso de ‘abiru’ para ‘abriu’, há duas interpretações possíveis para o dado: seria uma epêntese ou uma metátese. No primeiro caso, tratar-se-ia de uma inserção do ‘i’ para evitar o onset complexo seguida de outra operação que eliminaria a vogal temática; e no segundo, de uma mudança de posição dos segmentos também na busca de uma estrutura CV. Considerando-se que a segunda opção parece ser menos onerosa, pois há apenas uma operação em curso, entende-se que esta seria a hipótese interpretativa mais adequada.

Os casos em que houve o apagamento do grafema –u em verbos de 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> conjugação, revelam que há, no PE, alguma motivação, possivelmente de ordem sintática, relacionada à posição do pronome clítico, posposto ao verbo em PE. MATTOS E MIRANDA (2011) não encontraram erros de apagamento do grafema ‘u’ no contexto dos verbos de 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> conjugação flexionados na terceira pessoa do pretérito perfeito do modo indicativo, uma vez que o apagamento desse

grafema em verbos de 2<sup>a</sup> conjugação criaria a forma homônima ‘comê’, da forma falada dos verbos não flexionados, gerando perda de informações importantes para o vocabulário verbal, como a informação de pessoa e tempo. Neste mesmo sentido, em verbos de 3<sup>a</sup> conjugação seria improvável o apagamento do grafema ‘u’, pois isso derivaria a forma ‘servi’, equivalente aos verbos flexionados na 1<sup>a</sup> pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, gerando perda de informações, como a pessoa do verbo, nesse caso a 3<sup>a</sup> pessoa - ele.

Figura 1 – exemplo de grafia com omissão do sufixo flexional



Como se observa na Figura 1, a ligação do verbo ao pronome enclítico, comum no PE, parece minimizar as perdas de significação do verbo esperadas para o PB. O fato de os erros deste tipo estarem todos concentrados na terceira série pode estar relacionado ao trabalho de explicitação de regras relacionadas aos pronomes em português realizado em sala de aula.

#### 4. CONCLUSÕES

O estudo mostrou que, apesar de pequena, a amostra forneceu importantes elementos para a análise das estratégias utilizadas por aprendizes no momento da grafia do glide [w], o que reafirma a pertinência da idéia de que dedicar atenção a indícios pode ser produtivo no campo da pesquisa em aquisição da escrita. Pode-se, a partir dos dados, estabelecer categorias de erros dentre aqueles classificados como inusitados, categorias estas que se acrescentam a outras identificadas em trabalhos anteriores. Dentro dessas novas categorias, pode-se, ainda, verificar semelhanças e diferenças entre o PB e o PE, o que vai ao encontro de MATEUS (2006), que aponta que apesar de semelhantes, os dois sistemas apresentam diferenças, as quais, neste trabalho, puderam ser verificadas especialmente no nível sintático.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MATEUS, M. H. M. Se a língua é um fator de identificação cultural, como se comprehende que uma língua viva em diferentes culturas?. In: MOTA, J. A. **Quinhentos Anos de História Linguística do Brasil**. Local de Edição: Funcultura, 2006. p. 63 – 80.
- MATTOS, M. M.; MIRANDA, A. R. M. O efeito da conjugação do verbo na grafia incorreta do glide [w] em formas verbais flexionadas. In: **XX CONGRESSO DE /INICIAÇÃO CIENTÍFICA**, Pelotas, 8 a 11 de novembro. Anais do XX Congresso de Iniciação Científica, Pelotas: 2011. s/n.
- MATTOS, M. M.; MIRANDA, A. R. M. A grafia do glide [w] em formas verbais flexionadas do Português Brasileiro e do Português Europeu. In: **XXI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**, Pelotas: 2012. s/n.
- MIRANDA, A. R. M. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, R. R. **Aquisição da Linguagem Estudos Recentes no Brasil**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2011. p. 263 – 276.
- SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de; KOCH, I. V. **Linguística Aplicada ao português: Morfologia**. São Paulo: Cortez, 2011.